

dem ser comparadas com as escolas dos sophistas, que abundavam na Grecia no tempo de Socrates, e em Roma durante o despotismo imperial?

Além disto, na capital do imperio do Brasil, não ha uma só cadeira de litteratura nacional e estrangeira, não ha um só professor de historia!... Quem dirá na Europa, que na mais pequena podre cidade não existe uma cadeira de historia? Mas tal é o facto, e ninguém o pode contestar. A historia, que, como o fanal, conduz a humanidade ao progresso e ao melhoramento de suas politicas theorias, a historia, chave de todos os estudos, pensamento dos pensamentos, que descortinando, dissecando o cadaver do passado, faz d'elle sobresahir grandes e eternas verdades, uteis lições e exemplos, que possam repercutir no futuro o echo das ideias desenvolvidas pelo andar dos seculos, a historia não tem uma cadeira publica no Rio de Janeiro.

A litteratura, que comprehende a eloquencia, e a poesia, verdadeiro espelho, onde reflectem as differentes phases da sociedade, a expressão moral das ideias e opiniões predominantes entre os povos, a eloquencia e a poesia, que exaltam a imaginação do homem, e que o transportam, o conduzem para produzir grandes cousas, para dar gloria á sua patria, e ganhár a immortalidade para seo nome, a eloquencia e a poesia não são no Brasil ensinadas!

O estudo da geographia e da rhetorica se acham no mesmo atraso que o da philosophia; e d'aqui provem o pouco gosto, que ha no Brasil, para as letras.

O gabinete de 19 de Setembro, tendo subido ao governo sob tão bellos auspícios, e possuindo tão boas intenções de melhoramentos para o Brasil, deve-se esforçar em dar uniformidade e ao mesmo tempo maior latitude á nossa instrução primaria, d'onde depende o futuro da patria. P. S.

## NOVO EPISODIO

DE UMA VIAGEM AO OUTRO MUNDO.

### O SONHO.

Depois de um lauto, saturnal banquete, Onde só poucos convidados foram, Tão famintos, que tudo devoravam, Cançados de comer, ao somno cedem, Inda co' as mãos e os labios mal enchutos.

Entre elles, um da mesa faz seo leito, Um que se julga igual aos reis da terra, E primo, irmão dos reis se inclina ao mundo, Resupino deitou-se; e dormio logo.

Uma mulher bifi que sobre o collo A cabeça tomou do tanto velho, E co' os labios peijados de ironia Assoprava-lhe o ouvido embebedado Co' o vapor da lisonja: "pai da patria, "Heróe, homem sem par, (ia dizendo) "Tu és grande, maior que o Brasil todo. "Não te merece o povo. — O phanatismo "Só de te ver, espavorido foga. "És o Lutero novo, a tea instincto. "Vale mais que a sciencia... E quem, quem pode "Rivalisar comigo na constancia, "Onde, como em penedo, esbarra a inveja, "E a calumnia mordaz se despedaça? "Quem ha que os homens mais que tu conheça? "Esses homens, que attentos te rodeam, "E mal a bocca torcem, e a voz soltas, "Cothem tuas palavras inda inda mornas, "Sem nexo, como tantas prophcias? "Quem vê nas cousas, ao vulgar ignotas, "Todas as consequencias não previstas? "Só tu tens essa magica sciencia, "Instincto milagroso e diabolico "De tudo conhecer, de saber tudo."

Estas e outras mentiras adornadas O monstro da lisonja já vertendo, Despertando a vaidade adormecida, E enchava á cada acento, qual se entona No ar, de gaz peijado, nério globo.

No meio de uma nuvem de perfumes, Um anjo appareceu, em cuja fronte Puro, celeste fogo chamegava; Co' a dextra sustentava o aureo calix Com sangue do cordeiro, e co' a sinistra A Cruz da redempção. O Anjo sereno A voz desprende em placida harmonia, Voz divina, que aos mortos dêra vida Emfim fallou. "Mortal, a Fé perjuro, "Aos pés do meo altar tu prometes-te "Ser da grei do Senhor, pastor conspicio, "E longe de a guardar, ao lobo a entregas. "Porque prestaste o sacro juramento, "Si a vaidade mundana em ti nutrias? "Si a perfidia em teos labios se acoutava? "Si no Christo não erês, porque te adornas "Co' as sagradas insignias, que profanas? "Apóstata, friste com mãos impias "Da igreja a disciplina, e o sancto velho "Na cadeira de Pedro enchevalhaste. "Da tua mão o ferro com que feres, "Voltára contra ti: serás maldito. "Por tço mesmo rebanho, que te foga. "Vai-te, reprobó, vai-te; o rosto esconde "E penitente cobre-te de cinzas."

O Anjo disse: — E o velho adormecido, Mesmo sonhando, em colera abrasado, O braço estende, e ao Anjo na mão toca; O calix estremece, respingando O sangue do cordeiro sobre o rosto Mascilento do impio; e cada gotta De sangue se converte, em duro espinho.

"Vai-te, reprobó, vai-te; o rosto esconde "E penitente cobre-te de cinzas."

Disse, e, dando um gemido, ao céo se eleva.

Nisto um gigante aersul de um rio s'ergue, Sangue vertendo pelos porcos todos; E entorno d'elle sobre as agas tumbas Mil cadáveres botam: do outro lado, Sobre vasta campina s'erguem combros De ossos, que alvejam, craneos mutilados Despejos de combate; inda gemendo, Faltos de forças, os feridos caem; Velhos, mulheres, creancinhas choram, E a trombeta da guerra, clangorosa Vai augmentando o horror d'este espectáculo.

Ergue o gigante um pé, e o põe no ventre Do reprobó, que sente o pesadel-o E ronca, e bufa, qual bravo touro, Que o gladiador no cycro a vida arranca.

### O GIGANTE.

"Tu me xeras presente, sempre, sempre "Como um remorso vivo; meos gemidos "Haç de constantemente exasperar-te. "Vai-te, reprobó, vai-te; o rosto esconde, "E penitente cobre-te de cinzas."

Tal foi a compressão da inerte planta, Que o reprobó acordou sobre-saltado, E nada viu; — É sonho (disse) — e dorme.

Novos horriéis sonhos o atribulham; Outro gigante ao norte se levanta, A pôz esse outro s'ergue, outro, e inda muitos, To'os elles feridos vão passando, E todos o imprecam, e o praguejam: "Vai-te, reprobó, vai-te, o rosto esconde, "E penitente cobre-te de cinzas."

Mil symbolicos entes; amor patrio Honra nacional, dever, justiça, Leis, constituição, arte, sciencia, Todos foram passando e repetindo "Vai-te, reprobó, vai-te; o rosto esconde, "E penitente cobre-te de cinzas."

Então enfermo e louco se levanta, Espavorido, foga, e em cada canto Cuida ver as imagens que sonhára.

Grita cheio de horror, e as companheiros Que ainda dormem, s'erguem; elle assombrado, Vendo traições, perfidia em toda a parte, Vocifera, e os insulta, e renegando Seos antigos amigos, deixa a sala Do saturnal banquete. — Oh, graças, graças! No mesmo instante as nuvens condensadas, Que no nosso horizonte negrejavam, Ante o sol coruscante se dissipam.